

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Em 1979, fui convidada a trabalhar numa equipe, no subúrbio de Paris, com adolescentes suicidas, trabalho que se constituiria no tema de minha tese de doutorado. A partir desse convite, há exatamente vinte anos, pude verificar duas direções para o desenvolvimento do projeto: 1) a da bibliografia que levantei em relação ao tema: por um lado, esta era bastante escassa; por outro, os autores que diziam sustentar uma prática psicanalítica sublinhavam uma preocupação pedagógica para com esses adolescentes, deixando pouco espaço à causa freudiana; 2) o texto freudiano, até então pouco questionado quanto à adolescência e ao suicídio, mas já então provocando nesta leitora uma transferência de trabalho que jamais há de esgotar-se.

Os quase cinco anos de doutoramento, sustentados com a ajuda de uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), acrescentaram à minha aposta na segunda direção a descoberta da leitura que Jacques Lacan havia realizado da obra de Sigmund Freud, influenciando desde então o meu encontro com o texto freudiano.

Este livro, redigido nos primeiros anos de meu retorno ao Brasil, após retomar o trabalho com os adolescentes no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), trouxe à avaliação pública o que pude desenvolver a partir de minha aposta, e que é, ao

mesmo tempo, a aposta de todos aqueles que acreditam no inconsciente e sabem que o sujeito por ele determinado é mais forte quando organiza os estábulos de Augias – referência freudiana à vida pulsional – do que quando, egoicamente, nega-os. A primeira edição de *Esse sujeito adolescente* data de 1996. Para a segunda edição, procedemos a uma revisão e acrescentamos tanto as pontuações norteadoras de uma leitura conceitual em cada capítulo quanto um glossário dos termos em alemão no final da obra.

Para o psicanalista, o texto *princeps* sobre a adolescência data de 1905: a redação de “Três ensaios sobre a sexualidade” não só fundamenta a adolescência na puberdade, ou seja, no encontro com o real do sexo, como também a considera um trabalho que implica o desligamento dos pais.

Essa posição define o adolescente como neurótico, uma vez que ele se situa na partilha dos sexos. Para que haja o desligamento dos pais, é fundamental que neles algo falhe. Caso contrário, não haveria razão para esse desligamento. O que falha, ou melhor, o que o sujeito adolescente verifica como falha, é a própria função paterna, que não alcança a sustentação do sujeito que, quando criança, supunha um Outro consistente. Diante dos impossíveis – a relação sexual, A Mulher, a castração – o sujeito é fundamentalmente desamparado, e o adolescente se depara com isso de um modo em que não há retorno. Contra as tempestades que daí decorrem – as quais o romantismo na literatura soube tão bem eternizar no início do século XIX – Freud propõe as *Bändigungen*,¹ ou diques que determinarão a vida pulsional.

Por outro lado, o adolescente tem horror de descobrir o objeto que ele foi para o Outro, e daí sua tentativa de se distanciar dele, de injuriá-lo, como o demonstra o texto *O despertar da primavera* (1891), de Frank Wedekind, no qual os professores – substitutos natos dos pais – são renomeados de formas muito cômicas.

¹ *Bändigung* e *Bindung* são dois termos freudianos similares. Ambos têm várias conotações e, por exemplo, permitem a tradução por “laço” (cf. Hanns, 1996). Para meu uso, optei por traduzi-los respectivamente por “amarração” e “ligação”.

Duas saídas então para o sujeito adolescente: a neurose propriamente dita, escolha do sujeito que não encara o sem retorno da definitiva constatação do desamparo fundamental, e o trabalho, muito trabalho, como o demonstra Törless, ao fazer uma travessia para uma nova realidade no final de sua adolescência.

Como nos ensina, por exemplo, Montserrat, filha de uma vítima da ditadura dos anos 1970 no Chile, é por buscar a singularidade enquanto sujeito que o adolescente precisa trabalhar para elaborar sua determinação histórica e dela retirar suas conseqüências. Seu caso nos ensina, para além do sentido histórico, que a questão do sujeito aparece onde falta o sentido, do mesmo modo que até hoje é impossível atribuir sentido ao que então acontecia no Chile.

O analista, tantas vezes convidado a acompanhar o adolescente em seu trabalho, e que basicamente deve proceder aos cortes ímpares na infinda cadeia de demandas, como o disse Lacan em “O Seminário, livro 9: a identificação” (1961-2), surpreende-se com a perspicácia dos ditos que o “despertar da primavera” provoca nesses sujeitos, que, mais do que quaisquer outros, vivem o momento mais rico do exercício da subjetividade: o sujeito adolescente sabe por experiência que não pensa ou não é, jamais totalmente determinado pelo pensamento e nunca sendo por inteiro.

Daí o ato ser fundamentalmente um ato de coragem: tentativa de dar conta dessa inconsistente leveza do ser, tentativa de impor uma força do pensamento, que muitas vezes pode levar ao pior: a morte. E quantas vezes por engano... Mal-entendido primordial que esses sujeitos adolescentes presentificam, relançando o enigma do humano: enquanto houver adolescentes, haverá humanidade.

O que uns fazem, outros imaginam, fantasiam. “As fantasias da época da puberdade se vinculam à investigação sexual infantil abandonada na infância”, diz Freud (1905a: 129, nota 2 de 1920), reatualizando-a nos romances familiares, que são reações “às diferenças de sua atual posição em face dos pais em relação à de sua infância” (: 129), e nas quais o sujeito se percebe como tendo sido deixado cair como objeto dos pais, fantasiando, em troca, situações em que substitutos dos pais o reconhecem

(cf. “O romance familiar dos neuróticos”, 1909c). Demanda de reconhecimento (cf. capítulo 8) na impossibilidade, ainda presente, de sustentar a certeza do exercício de sua posição de sujeito e na falta de parâmetros suficientes para decidir e assumir todos os nortes de tal exercício.

Esse sujeito adolescente tem bem mais para ensinar ao psicanalista do que podiam supor os autores de vinte anos atrás. Ele continua ensinando, no cotidiano de meu trabalho.